



**SÊNECA**

**CARTAS DE UM  
RESILIENTE**

**ASSUMIR O  
COMANDO DA  
PRÓPRIA VIDA  
E EVITAR AS  
DISTRAÇÕES**

**SÊNECA**

**CARTAS DE UM  
RESILIENTE**

**LIVRO 2**

**ASSUMIR O  
COMANDO DA  
PRÓPRIA VIDA  
E EVITAR AS  
DISTRAÇÕES**

**TRADUÇÃO DE  
ALEXANDRE  
PIRES VIEIRA**

**COPYRIGHT © ALEXANDRE PIRES VIEIRA, 2022**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022**

Todos os textos de Sêneca são domínio público.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Revisão **BARBARA PARENTE E THAÍS ENTRIEL**

Projeto gráfico e diagramação **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Capa **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Sêneca

Cartas de um resiliente : assumir o comando da própria vida e evitar as distrações / Sêneca ; tradução de Alexandre Pires Vieira. — São Paulo : Faro Editorial, 2022.

224 p. (vol. 2)

ISBN 978-65-5957-108-6

Título original: Epistulae morales ad Lucilium

I. Filosofia 2. Desenvolvimento pessoal I. Título II. Vieira, Alexandre Pires

21-5469

CDD 100

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Filosofia



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por **FARO EDITORIAL**

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# I.

## SOBRE VÁRIOS ASPECTOS DA VIRTUDE

---

---

### *Saudações de Sêneca a Lucílio.*

- 01.** Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que eu acrescente que ele é um homem velho. Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara. Ou talvez foi porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos e, por desprezar o próprio corpo, chegou a um estágio onde pode desprezar outras coisas também.
- 02.** O poeta que cantou:

**Valor mostra mais agradável  
em uma forma que é justa**

**gratior et pulchro veniens e  
corpore virtus.<sup>1</sup>**

- está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la, é sua própria glória e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente: ele parece-me simpático e bem construído tanto em corpo como na mente.
- 03.** Assim como um grande homem pode nascer em um casebre, pode também uma linda e grande alma nascer em um corpo feio e insignificante. Por esta razão, a natureza parece criar alguns homens deste selo com o objetivo de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas puras e nuas, desprovidas de corpo, ela o teria feito. Como é, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela

produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução de qualquer obstáculo.

- 04.** Creio que Clarano foi produzido como um exemplo, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas, pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passado muito poucos dias juntos, tivemos muitas conversas, as quais vou em seguida verter e transmitir a você.
- 05.** No primeiro dia, investigamos este problema: como todos os bens podem ser iguais sendo tríplice a respectiva natureza?<sup>2</sup> Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.
- 06.** Agora, como podem estes tipos de bens serem iguais quando os comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Sumo Bem e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, uma alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e às lisonjas, não cedendo a nenhum dos extremos da Fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, uma alma que força alguma pode vergar ou destruir, uma que o acaso não pode exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria personificação da virtude.
- 07.** Esta seria sua aparência externa, se viesse sob um único aspecto e mostrasse uma vez só toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não

se torna menor ou maior. Pois o Sumo Bem não pode diminuir nem a virtude retroceder. Em vez disso, a virtude é transformada, agora em uma qualidade e depois em outra, moldando-se de acordo com a função que está desempenhando.

- 08.** Tudo o que ela toca leva à semelhança consigo mesma e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras onde entrou e pôs em ordem pela harmonia. Seja o que for que tenha tocado, imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade e nada mais moderado do que a moderação.
- 09.** Toda virtude é ilimitada, pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessário que ela tivesse alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição, pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade também não pertencem ao mesmo tipo e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.
- 10.** O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. O interesse privado e o interesse público estão juntos; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais, e assim são as obras da virtude e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.
- 11.** Mas como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam e afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor, mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino ou mais celestial do que o celestial.
- 12.** As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua Fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas, a natureza é única.



A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas. Consequentemente também não existe nenhuma distinção entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes, pois em ambas as situações há a mesma grandeza de alma: descontraída e alegre em um caso e combativa e pronta para a ação no outro.

- 13.** O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Houve grandeza em Cipião quando seu comando pôs cerco a Numância e o cingiu de tal forma que obrigou homens até então invencíveis à autodestruição. Mas grandes também são as almas dos defensores sitiados ao perceberem que não está realmente cercado quem é livre para morrer e, por isso mesmo, morrem abraçados à liberdade.<sup>3</sup> Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude, a qual proporciona à alma a retidão e a constância de propósitos.
- 14.** “O que então”, você pergunta, “não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?”. De forma alguma, não em relação às próprias virtudes, muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma, no outro, há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.
- 15.** A virtude não é alterada pela questão com a qual trata. Se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude, se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja um homem em sua alegria, ou o outro em

meio a seu sofrimento. E dois bens, quando nenhum deles pode ser melhor que o outro, são iguais.

- 16.** Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E por quê? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo e ele perde sua melhor característica: autoaprovação. O que não é livre não pode ser honrado, pois medo significa escravidão.
- 17.** O bem moral está totalmente livre da ansiedade e é calmo, se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito à perturbação e começa a chafurdar em meio à grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato virtuoso é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.
- 18.** Eu sei o que você pode me responder neste momento: “Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?” Poderia dizer em resposta: “Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris,<sup>4</sup> clamará: é agradável e não me preocupa em absoluto”. Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?
- 19.** Mas a resposta que eu dou é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificadas por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.



- 20.** A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, também a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abranda todas as dores, aborrecimentos e erros. Onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.
- 21.** Isto pode ser provado para você pelo fato de que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre. Mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer, desempenhando tão prontamente uma ação honrosa quanto se estivesse na presença de um homem bom; ele considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem de bem que é pobre, doente ou desaproveitado no exílio.
- 22.** Agora, compare um homem de bem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas: eles serão igualmente bons, embora experimentem Fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens. A virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como se em alguém que está doente ou em escravidão.
- 23.** Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais se a Fortuna a favorecer concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a Fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a Fortuna tem influência – bens materiais, dinheiro, posses, posição – são fracas, inconstantes, propensas a perecer e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de serem procuradas quando a Fortuna as trata com bondade, nem menos dignas quando alguma adversidade pesa sobre elas.
- 24.** A amizade, no caso dos homens, corresponde à deseabilidade, no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se

ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranqüila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

- 25.** Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é sã em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego. Gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são essenciais, mas apenas acessórios.
- 26.** Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir um filho saudável a um doente, ou um filho alto, de estatura incomum, a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente. Aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Pois nenhum homem ama a sua terra natal porque ela é grande, ele a ama porque é sua.
- 27.** E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade àqueles que encontram dificuldades. Pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição aos filhos por quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.
- 28.** Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. De duas coisas iguais a uma terceira você não poderá dizer que uma delas é “mais igual” do

que a outra! Por isso mesmo nada pode haver de mais moral do que a própria moralidade.

- 29.** Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.
- 30.** Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades. Os bens verdadeiros têm o mesmo peso e o mesmo volume. O tipo espúrio contém muito vazio, quando são pesados, percebemos sua deficiência embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.
- 31.** Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno, fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas. Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. E, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.
- 32.** Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraiam e piquem o espírito: um não é digno de alegria nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.
- 33.** Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas às outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material,

como se torna agora mais amplo e depois mais estreito, agora glorioso e depois inferior, agora múltiplo no alcance e depois limitado. No entanto, o que é melhor em todos esses casos é igual; eles são todos honrados.

- 34.** Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; de constituição física, uns são belos, outros, feios; de condições de vida, este homem é rico, aquele homem é pobre; este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a grande maioria e anônimo. Mas todos, em relação àquilo que importa – serem homens de bem – são iguais.
- 35.** Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más, eles não sabem o que é útil e o que não é útil.<sup>5</sup> Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato. Eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência ou sucessão de ações é tecida e uma unidade de vida é criada, uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal, o que é estrangeiro e externo, ela considera como escória e o que não é nem bom nem mau, ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.
- 36.** Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente. Estes são, por exemplo, a vitória, filhos honestos e o bem-estar da pátria. Alguns outros considera secundários, estes se tornam manifestos apenas na adversidade, por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes, estes não são mais de acordo com a natureza do que contrários à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura decente em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.
- 37.** Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes: os primários são de acordo com a natureza, como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

- 38.** “O que então”, você diz, “alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?”. Claro que não, mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre uma fogueira, aflitos com má saúde, tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserva uma alma indomável em meio a tais aflições.
- 39.** Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. “O que, então”, você pergunta, “é a razão?”. É seguir a natureza. “E o que”, você diz, “é o maior bem que o homem pode possuir?”. É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.
- 40.** “Não há dúvida”, diz o opositor, “de que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança. Também não há dúvida de que a saúde que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si. E, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura.”
- 41.** De modo algum, nada mais falso! Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é se eles estão de acordo com a natureza. E isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito “A está mais de acordo com a proposta do que B.” Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, todas elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, estão todos de acordo com a natureza.
- 42.** Um homem morre jovem, outro na velhice e outro ainda na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido

a um avançar mais ao longo do caminho da vida, tenha cortado a vida do segundo em sua flor e quebrado a vida do terceiro em seu início.

- 43.** Alguns recebem sua sentença na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante conjunção carnal. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores, pois tem o mesmo limite em todos os casos, o fim da vida.
- 44.** A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens. Você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio à tristeza e amargura. Uma pessoa controla bem os favores da Fortuna, a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil e o outro, em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo: eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz iguais entre si todas as coisas que toca.
- 45.** Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação.<sup>6</sup> Estes bens, se estiverem completos, não aumentam, pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor, que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma, que aumento pode haver para esta tranquilidade?
- 46.** Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza, também um homem, quando cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, tem condição perfeita e atingiu a meta de suas orações se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam

tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem fica satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, muito semelhante com a lista da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor. “E ainda,” ele disse, “aquele dia não foi menos feliz.”<sup>7</sup> E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.
48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.
49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres às que são brandas e sedutoras, e as declararia maiores. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.
50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. O homem que dorme em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento pode ser tão corajoso quanto o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas. Mas é para o soldado manchado de sangue, e que retorna da frente, que os homens clamam: “Bem feito, herói!” E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem e que lutaram contra a Fortuna.



- 51.** Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Múcio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio,<sup>8</sup> desprezando o inimigo e desprezando o fogo e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.
- 52.** Por que não devo considerar este bem entre os bens primários e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela Fortuna? Pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. E então? Você diz, “você deseja esse bem para si mesmo?”. Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.
- 53.** Deveria eu desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti afeminado, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores, terminou a guerra desarmado e mutilado e, com aquele toco de uma mão, ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)**

Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA

